

Constituinte de 87 parece a de 1824

MARCIO COTRIM
Colaborador

Outro dia eu vinha escutando a TV Brasília no rádio do meu carro — você sabia que o Canal 6 é a primeira estação de FM no "dial"? — quando, em meio ao burburinho do trânsito, ouvi fragmentos de uma entrevista sobre o tema nosso de cada dia, a Constituinte

Era um professor da UnB, não pude guardar-lhe o nome. Falava ele da importância da representatividade de uma constituinte, o momento político mais importante de uma nação. E sublinhava o fato de que, a 15 de novembro, finalmente, teremos uma eleição altamente qualificada, pois estarão presentes todos os principais estratos sociais do Brasil. Desse ponto de vista, será a eleição mais representativa de toda a nossa história.

E discorria o professor, atropelado pelo entrevistador que, de olho no relógio e atento às exigências da programação da emissora, apressava a conversa e tentava terminá-la de roldão. Aos trancos e barrancos, nosso professor conseguiu falar da primeira de nossas constituições, a de 1824. No inicio, fiquei cético pelo que viria. Afinal, que interesse poderia ter uma Constituição tão antiga? Foi aí que surgiram revelações curiosas.

Voce sabia, caro leitor, quem não elegeu os constituintes de 1824? Pode parecer uma questão até tola e irrelevante, mas não é. Se não vejamos. Quem não elegeu os constituintes de 1824 foram: os indios, na época um contingente de individuos ainda apreciável; todos os trabalhadores e operários do País, a formidável massa de sempre e, na época, basicamente a mão-de-obra escrava; todos os analfabetos, uma multidão infelizmente expressiva tanto ontem quanto hoje; todas as mulheres, seguramente a metade do eleitorado e todos os menores de 25 anos, que naqueles nebulosos tempos ainda não tinham direito a voto.

Então, quem elegeu os constituintes de 1824? Passem, leitores: apenas os proprietários com renda superior a oitocentos contos de réis, ou seja, pouco mais de cem pessoas em todo o Brasil. Na verdade, uma patota de afortunados, chamada oficialmente de "cidadãos instruídos e capazes"!

O professor dizia isso para realçar o sensível alarmamento da representatividade eleitoral no País. Imagine, nenhuma mulher votava, que absurdo — e, no entanto, esse absurdo só foi corrigido na década de 30! E os analfabetos, que pagam impostos e têm que cumprir todos os deveres de cidadania, só agora vão votar! Nem é bom comentar o escândalo dos operários não votarem naquela época.

Diante desse quadro obscuro, quem foi que sobrou para redigir nossa primeira Constituição, quem elaborou as leis maiores que nos regeram durante décadas? A pergunta chega a ser ridícula. Claro que foram os representantes daquela patota de afortunados, daquela elite, daquele clube fechado, todo ele homogêneo e voltado para os mesmos interesses, a saber: manter seus privilégios. Logicamente, desse Parlamento saiu o que tinha que sair: um conjunto de leis conservadoras e imobilistas que buscavam manter todo um *status quo* ostensivamente acintoso. Essa situação varou todo o Império.

Agora, o contraste. Embora com atraso em algumas faixas — o caso dos analfabetos, por exemplo —, o Brasil vai às urnas politicamente oxigenado. São quase 70 milhões de eleitores que representam todas as correntes de opinião e todas as classes sociais. Tudo isso, porém, de pouco vai adiantar em termos de resultado final. — a própria Constituição que surgirá. Restam poucas dúvidas de que sua índole permanecerá conservadora, em função da avassaladora quantidade de dinheiro que está sendo despejada sobre o eleitorado em todo o País.

Isso nos faz retornar, de certa forma, aos idos de 1824. O retorno se dá por um caminho não-linear, há requinte e sofisticação no processo, ao contrário da maneira abrupta adotada naquela época. De fato, a competição teoricamente oferece amplíssimas oportunidades a milhares de candidatos mas os eleitos — aqueles que, afinal de contas, farão as leis — serão os que melhor comoverem, à custa de muito dinheiro, toda uma enorme massa ingênua e suscetível à publicidade maciça.

O dramático é que em 1824 o povo nem viu a cor da cédula, nem chegou aos panos da cabine eleitoral.

Tudo foi um rápido fato consumado, nada mais a fazer senão cumprir as novíssimas leis. Agora a massa chegará lá, vai ter o orgulho de votar, a ilusão de escolher, o encanto de participar. Imagina que de suas mãos nascerão as leis que influirão diretamente sobre cada minuto de suas vidas. E, no entanto, os eleitos, em sua grande maioria, serão os que mais gastarem, os que mais investirem, os que mais aplicarem e souberem usar com mais competência todos os "lobies" imagináveis, nacionais e multinacionais.

Sujeitos que, se eleitos, ganharão durante todo o seu mandato de deputado algo em torno de três milhões de cruzados e vêm a público declarar que estão gastando cinco, nove, quinze milhões de cruzados na campanha!

E triste constatar, mas a cristalina verdade é que vai para a Câmara e o Senado, levada por uma vitória conquistada em campanhas indecentemente caras, a oligarquia de sempre. O perfil dos constituintes de 1987 em muito pouco diferirá do perfil dos parlamentares solenes e pesados do Império. Hão de ser os homens do latifúndio, os líderes da grande pecuária, dos interesses comerciais e industriais. Claro que haverá o salpico de uma bancada reformista — aquela que procurará mudar tudo para tudo ficar como está — e mesmo progressista, mas ela será mera moldura do quadro, como sempre, não nos iludamos. Haverá emoções? Sim, haverá, mas elas acabarão sendo abafadas pela maioria balofa e reluzente de sempre. Visão pessimista? Não, visão realista.

Aqui em Brasília, como em todo o Brasil, isso será inevitável. Muitos dos nomes que inicialmente apreciam como favoritos — quando a disputa ainda estava, digamos, nivelada — estão sendo afogados pelo mar de dinheiro que rola por aí. Afinal, ao se abrirem as urnas ganharão os candidatos comprometidos com todo tipo de alianças de ocasião e que geraram fartos recursos.

E pena, mas tudo se resume nas toscas mas verdadeiras palavras de um candidato local no mais aceso calor de sua sofrida jornada: Que droga, minha campanha se resume a pedir dinheiro aos ricos e votos aos pobres!